

LIMITAÇÕES DE MÉTODOS QUANTITATIVOS PARA ACESSAR A EXPERIÊNCIA CORPÓREA HUMANA: o *Body Shape Questionnaire* e a Escala de Silhuetas de *Stunkard*¹

LIMITATIONS OF QUANTITATIVE METHODS IN ACCESSING CORPOREAL HUMAN EXPERIENCE: The *Body Shape Questionnaire* and the *Stunkard* Silhouettes Scale

Limitaciones de los métodos cuantitativos para acceder a la experiencia humana corpórea: The *Body Shape Questionnaire* y las Siluetas de *Stunkard*



Gabriel César Silva Rodrigues

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
gabriel1234.gc@gmail.com



Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
pauloevangelista.ufmg@gmail.com

Resumo: O presente estudo objetiva realizar uma investigação sobre as fundamentações teóricas e modos práticos de acesso ao conceito de imagem corporal (IC) e insatisfação corporal, conceitos esses que buscam elucidar o modo de vivência corporal da existência. Para tanto, parte de uma revisão de literatura, construindo uma visão ampla dos métodos de investigação e conceitualização do construto IC. Os resultados apontam que a maioria das pesquisas revela que a população está insatisfeita com seu corpo. Postula-se, então, que o método de pesquisa induz esse resultado, pois move-se num círculo vicioso. Conclui afirman-

¹ A pesquisa foi realizada com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG, no programa de Iniciação Científica Voluntária.

do a necessidade de pesquisas qualitativas que foquem a experiência de ser-no-mundo corporalmente.

Palavras-chave: Imagem corporal. Insatisfação corporal. Hermenêutica.

Abstract: This study aims to investigate the theoretical and practical ways of accessing the concept of body image (BI) and body dissatisfaction, concepts that seek to elucidate the bodily experience of existence. To this end, it starts with a literature review, building a broad view of the methods of investigation and conceptualization of the BI construct. The results indicate that most studies reveal that the population is dissatisfied with their body. It is postulated, then, that the research method induces this result, because it moves in a vicious circle. It concludes by affirming the need for qualitative research that focus on the experience of being-in-the-world bodily.

Keywords: Body image. Body dissatisfaction. Hermeneutics.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo realizar una investigación sobre las formas teóricas y prácticas de acceso al concepto de imagen corporal (IC) e insatisfacción corporal, conceptos que buscan dilucidar la experiencia corporal de la existencia. Para ello, parte de una revisión bibliográfica, construyendo una visión amplia de los métodos de investigación y conceptualización del constructo de IC. Los resultados indican que la mayoría de los estudios revelan que la población está insatisfecha con su cuerpo. Se postula, entonces, que el método de investigación induce este resultado, porque se mueve en un círculo vicioso. Concluye afirmando la necesidad de una investigación cualitativa que se centre en la experiencia del ser-en-el-mundo-cuerpo.

Palabras-clave: Imagen corporal. Insatisfacción corporal. Hermenêutica.

Submetido em: 2021-10-22

Aceito em: 2022-01-15

1 Introdução

Na Psicologia, domina uma compreensão dualista sobre corpo e mente. Há autores que defendem a importância da superação dessa dicotomia (SCORSOLINI-COMIN; AMORIN, 2008). Porém, numa pesquisa realizada por Freitas, Arenhart e Abuhamad (2018), apenas 4 dos 21 psicólogos brasileiros entrevistados conseguiram apontar um pensador que conceitualizasse explicitamente o corpo em suas abordagens teóricas, sendo mais frequente uma concepção dicotômica (10 dos 21 entrevistados) e não fundamentada. Em geral, os entrevistados conceberam o corpo um reflexo do inconsciente ou um substrato orgânico apriorístico, “[...] sempre como instrumento para o sentido, nunca como origem do sentido [...]” (SCORSOLINI-COMIN; AMORIN, 2008, p. 162).

Entretanto, o viés mais frequente de abordagem do corpo é dicotômico, concebendo-o como matéria orgânica mensurável. Esse modo de acessar os fenômenos corpóreos humanos tem sido objeto de críticas filosóficas desde as primeiras décadas do século XX. O filósofo Heidegger (2021), por exemplo, alertava que a tentativa de quantificação de lágrimas descaracterizava este fenômeno humano, transformando-as em mero líquido mensurável. No esforço de ultrapassar a reificação do corpo humano, o filósofo alemão utiliza a palavra corporar (*leiben*), neologismo que transmite a ideia de o corpo humano ser ação viva no mundo. Ele foi favorecido pela existência de duas palavras em alemão para se referir a corpo: *körper* e *leib*. A primeira significa o corpo físico, material, enquanto a segunda, que costuma ser traduzida por corpo-vivido ou corpo vivo, indica a experiência humana imiscuída corporalmente com as coisas do mundo (AHO, 2009; HEIDEGGER, 2021; MATTAR *et al.*, 2016). Merleau-Ponty (1999; e os que se apoiam em suas reflexões: AZEVEDO; CAMINHA, 2015; DA NÓBREGA, 2014) e Sartre (2011) são outros filósofos filiados à Fenomenologia que visam resgatar o comportamento humano ocultado pelo organicismo e pelo naturalismo.

Na literatura científica psicológica, o tema do corpo aparece, dentre outras, na forma de estudos sobre a relação da pessoa com seu corpo. O conceito indicativo dessa relação é imagem corporal (IC). As pesquisas iniciais sobre IC se deram na área da neurologia, ainda no início do século XX, buscando principalmente maior entendimento da experiência de órgão fantasma. Sua primeira definição partia da teorização de um mecanismo neural voltado à percepção de postura e movimento corporal; posteriormente, foram adicionados fatores sociais e psicológicos à percepção corporal, ampliando seu escopo para algo além de neurológico, tornando-o biopsicossocial (CASH; SMOLAK, 2011). Atualmente, IC é definida como:

[...] uma representação mental que o indivíduo tem do seu corpo tendo em vista a experiência psicológica da corporeidade. É a imagem percebida de dentro ou a avaliação subjetiva que as pessoas fazem sobre seu próprio corpo, as atitudes e sentimentos associados a ela. (LEMES *et al.*, 2018, p. 4290).

No campo da saúde, a imagem corporal é estudada sob seu viés patológico: a insatisfação corporal, que seria um modo de concepção específico da IC. É uma “[...] avaliação negativa do próprio corpo” (MEIRELES *et al.*, 2015, p. 2092), insatisfação correlacionada com diversos modos de sofrimento, como a anorexia (ALVES *et al.*, 2008), ideação e planejamento suicida (CLAUMANN *et al.*, 2018), bulimia (TRICHES; GIUGLIANI, 2007) e depressão (RENTZ-FERNANDES *et al.*, 2017). O estudo de Secchi, Camargo e Bertoldo (2017, p. 235) com universitárias revela que, para elas, o corpo é representado “[...] como algo que deve ser dotado de beleza, magreza, poder e status, exercer atração e, além disso, ser saudável [...]”, sendo que a maioria está insatisfeita com o próprio corpo. Souza e Alvarenga (2016) estipulam prevalência de 87% de insatisfação corporal no ambiente universitário. Tal prevalência, considerando as comorbidades, torna o tema de grande importância para área da saúde. Porém, torna-se necessário uma reavaliação do campo de pesqui-

sa: as conceitualizações, os métodos e as conclusões das pesquisas referentes à IC aproximam o ser da sua vivência corporal?

O presente artigo tem por objetivo recolher na literatura científica brasileira atual os métodos de análise de “imagem corporal” e “insatisfação corporal”. O método utilizado foi de revisão narrativa. Esta possui como característica uma participação ativa do autor no processo de análise crítica, criando, assim, uma síntese qualitativa abrangente do campo estudado (ROTHER, 2007). Tal metodologia é mais propícia para integrar campos por vezes distintos (COOK; MULROW; HAYNES, 1997), como no presente artigo, articulando a IC à fenomenologia e epistemologia hermenêutica. Compreender as conceitualizações iniciais é conceber o ponto de partida, algo que influenciará o método, o caminho de acesso e, conseqüentemente, todo o campo de conhecimento da IC.

Os autores se apoiam na fenomenologia hermenêutica, que parte do pressuposto de que a palavra método deriva do grego *meta-odos*, que significa “[...] o caminho, no qual em geral e pela primeira vez o caráter do âmbito a ser experimentado é aberto e demarcado [...]” (HEIDEGGER, 2021, p. 784). Os autores também compartilham da crítica empregada por Heidegger (2021) e por toda a escola fenomenológica contra a mensurabilidade dos fenômenos humanos. Conforme afirma o filósofo, “A mensurabilidade pertence à coisa enquanto objeto. Só se a coisa é pensada enquanto objeto, representada em sua objetualidade, o medir é possível” (HEIDEGGER, 2021, p. 776). No que tange à experiência humana corpórea, chamada neste contexto teórico de corpo-vivo (*Leib*) e corporar (*leiben*), a mensuração a perde de vista, pois todo modo de ser humano é necessariamente situacional, sócio-histórica e em relação significativa com outros seres humanos.

2 Imagem corporal

A primeira definição de IC foi fornecida por Schilder em 1935 (SLADE, 1994). Na sua obra, traduzida para o português com o título de *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*, o autor

afirma que a “[...] imagem do corpo humano [é] a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós [...]” (SCHILDER, 1999, p. 7) e inicia descrições de processos que a influenciam, como sensações, visualização da superfície e impressões algésicas, táteis e térmicas.

Há outras interpretações da IC, como da sociocultura, psicanalítica, evolutiva, genética e neurocientífica, cognitiva comportamental, feminista, da psicologia positiva (CASH; SMOLAK, 2011). Para o modelo sociocultural, ideais sociais de beleza internalizados pelos indivíduos levam à satisfação ou insatisfação com a aparência em relação ao ideal prescrito (TIGGEMANN, 2011). Na perspectiva psicanalítica, influente na literatura brasileira, a IC é a “*síntese viva de nossas experiências emocionais [...] a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante [...]*” (DOLTO, 2015, p. 14-15, grifo da autora), resultado principalmente de interações da primeira infância com os cuidadores primários, mas mutável por toda a vida.

A perspectiva evolutiva da IC se baseia na hipótese de seleção natural de Darwin, de modo que a aparência física está a serviço da atração de parceiros potenciais com vistas à reprodução (SWAMI, 2011). Alguns dos fatores impactantes para a deseabilidade sexual seriam a variabilidade simétrica, o dimorfismo facial sexual e a proporção cintura-quadril, em que a proporção 0.7 é julgada mais atraente (SWAMI, 2011). Alguma influência de fatores culturais é considerada nessa perspectiva.

Na perspectiva genética, atribui-se satisfação e insatisfação com a IC à determinação genética. A insatisfação é mais frequente em gêmeos monozigóticos do que em dizigóticos e atribui-se uma correlação entre o gene do transportador de serotonina (5-HTTLPR) e distúrbios da imagem corporal, como a anorexia e a bulimia, distúrbios também correlacionados com os cromossomos 1 e 13 (SUISMAN; KLUMP, 2011).

Na perspectiva cognitiva comportamental, considera-se a IC sob o enfoque perceptual, que consiste na proximidade entre percepção do corpo e sua objetividade externa, e atitudinal. Este

divide-se em avaliativo, a proximidade entre como percebo meu corpo e o que considero bonito, e investimento, o quanto ser considerado belo impacta minha autoavaliação (CASH, 2011). O local de socialização do indivíduo é influente, uma vez que diferentes contextos possuem mensagens específicas sobre o normativo de o que é um corpo atraente e os meios aceitáveis para alcançá-lo. Quando essas normas são internalizadas pelas pessoas, elas “[...] predispõem como os indivíduos constroem e reagem à sua própria aparência e eventos de vida relacionados à aparência” (CASH, 2011, p. 41, tradução nossa).

A perspectiva feminista apresenta grande concordância com o modelo sociocultural, uma vez que “[...] compreende que a insatisfação corporal normativa das mulheres não é uma função patológica individual, mas um fenômeno cultural sistêmico” (MCKINLEY, 2011, p. 48, tradução nossa), resultante da internalização de valores culturais. No mundo ocidental, associa-se o masculino com a mente e o feminino com o corpo, especialmente em razão da reprodução (MCKINELY, 2011). Outra ideia central nessa perspectiva é o processo de *objetificação* do corpo feminino, reduzindo a mulher a seu corpo e seu corpo à sua aparência. Este processo leva a uma *vigilância corporal*, isto é, uma preocupação em como se aparece para os outros, que embora seja percebido como articulado ao amor-próprio e à sensação de realização pessoal para as mulheres, mais frequentemente, leva à vergonha, ansiedade e menor conexão com os processos internos do próprio corpo.

A perspectiva da psicologia positiva foca suas pesquisas na IC positiva, afirmando que esta instaura-se quando as pessoas apreciam que o próprio corpo é único, rejeitam informações e influências negativas na autoavaliação, possuem conexão intensa com o próprio corpo, além de boa capacidade de discriminação e satisfação das necessidades físicas. Segundo Tylka (2011, p. 58, tradução nossa), “Indivíduos que possuem uma imagem corporal positiva se sentem belos, confortáveis, confiantes e felizes com seus corpos, que é frequentemente expressada como um brilho externo, ou ‘aura’”.

Por mais que se possuam diversas matrizes explicativas, em todas há a ponderação de que o meio social influencia na IC. Essa fonte de influência pode ser macroscópica, como o patriarcado descrito pela perspectiva feminista, ou microscópica, pela interação de pares descrita pela perspectiva cognitiva-comportamental. Esse excesso de influências torna a IC imprópria e fragilizada, construída em um ambiente objetivo externo e interiorizada pela pessoa. Partindo dessas leituras, percebe-se que as análises se interessam mais pelas causas da IC negativa do que por uma compreensão do ser corpóreo constitutivo humano, esse que foi indicado na literatura fenomenológica pelo verbo corporar e pelo conceito de *leib*.

A teorização, a pesquisa de campo e a prática no campo da IC por vezes mostra-se buscando uma objetividade na construção do conhecimento, através de testes objetivos e concepções causais das vivências humanas, algo que atualmente é contestado na construção de saber sobre o ser humano. Silva e Cantisani (2018) questionam se é possível conceber a obesidade como um adoecimento unicamente objetivo, como se fosse possível suspender os valores morais e sociais para conceber a doença e se isso não influenciasse a vida dessas pessoas. Torna-se então necessário um questionamento de quais os desdobramentos da patologização e discriminação da vivência gorda, a chamada gordofobia, uma vez que o conhecimento construído pelas pesquisas em IC pode servir como mais um aparato de controle dos corpos não congruentes com o padrão vigente (ARAÚJO *et al.*, 2018).

Como apontado por Tylka (2011), ao falar de IC, o paradigma científico teoriza e investiga imagens corporais adoecidas ou passíveis de adoecimento, como também se observa no artigo de Slade (1994, p. 500, tradução nossa), que afirma: “[...] imagem corporal pode ser concebida como ‘uma representação mental imprecisa do corpo’ [...]”, criando, assim, uma concepção de humano que necessariamente possui uma divergência com seu corpo. Essa divergência, por vezes patológica, é referida pelos pesquisadores da área como insatisfação corporal.

2.1 Insatisfação corporal

De uma maneira ampla e inespecífica, “Insatisfação corporal envolve uma preferência por características diferentes de como o corpo é percebido atualmente pela pessoa e é associado com um efeito negativo” (WERTHEIM; PAXTON, 2011, p. 76, tradução nossa). A partir dessa conceituação, as diversas abordagens forneceram uma explicação causal de quais eventos culminam em uma IC negativa. As ponderações de Tylka (2011) nos mostram que “imagem corporal” e “insatisfação corporal” são levados como termos quase sinônimos pela comunidade científica, pois, mesmo que possuam descrições diferentes, é raro a pesquisa de uma IC neutra ou positiva. Definições conceituais de insatisfação corporal são ainda mais escassas e, por vezes, ausentes em artigos que a possuem como uma de suas palavras-chave (MARTINS *et al.*, 2012; MARQUES *et al.*, 2015; VERAS, 2010). Tomam a insatisfação corporal como oposto a satisfação corporal e, quando se propõem a pesquisar a imagem corporal, o que encontram é a insatisfação.

Abbott e Barber (2011) ponderam que, além das suas facetas estéticas, também há fatores funcionais atrelados ao corpo. Para tornar sua pesquisa mais próxima da vivência do corporal humano, deveriam considerar, além do aspecto visível do corpo, elementos referentes a como o corpo sente, move, funciona e suas potencialidades. Tratar as capacidades corporais não como uma variável à parte da IC, mas como um componente do construto impreterivelmente trará consequências ao modo de pesquisa e os seus resultados. Avaliar a IC envolvida com funcionalidades corporais em meninas adolescentes, frequentemente renegadas na socialização feminina e na investigação da vivência corporal, trouxe às pesquisadoras o resultado de que o grupo ativo corporalmente e o de esportistas possuíam, em média, maior satisfação corporal funcional e estética. De maneira preliminar, isso aponta para uma indissociabilidade entre função, estética e satisfação corporal. A pesquisa anteriormente citada de Secchi, Camargo e Bertoldo (2017, p. 235) também encontrou o hedonismo e a “[...] valorização da vivência

subjetiva [...]” corpórea como modos de lidar com o próprio corpo, o que apresenta um outro modo para além do olhar objetificante.

O surgimento da insatisfação corporal atrelado ao campo da IC pode ter criado um empecilho para a compreensão da relação humana com seu corpo. Há uma negligência do caráter funcional corpóreo, culminando em uma insatisfação corporal enviesada, como se a única fonte possível de insatisfação corporal fosse sua aparência. Após entrevistar pessoas com paraplegia adquirida, Olesiak *et al.* (2018, p. 738) afirmaram que, no processo de aceitação da paraplegia, “[...] há a reformulação da imagem corporal, a qual até então estava ligada às atuações e possíveis movimentos conhecidos e realizados pelo corpo anterior”. Os relatos dos entrevistados demonstram com clareza a indissociabilidade entre a dimensão funcional e a estética. Em suma, mais do que a representação mental do corpo objeto, o que está em questão é a vivência, o corporar enquanto modo de ser e agir no mundo.

A limitação das metodologias de acesso para averiguar a IC fica ainda mais clara à luz do “descontentamento normativo”. Rodin, Silberstein e Striegel-Moore (1984) analisaram bibliografias da área da psicologia social e ciências biológicas referentes ao controle de peso e desordens alimentares em mulheres. As autoras creditam grande parte do formato corporal a fatores genéticos, apresentando artigos que demonstram que irmãos gêmeos univitelinos têm maior proximidade no peso corporal, mesmo quando criados separadamente, do que gêmeos não-idênticos criados juntos. Argumentam também que mulheres têm uma tendência natural a maior acúmulo de gordura, tanto pela questão de altura média quanto por questões hormonais. As autoras propõem, em conclusão, que “[...] as preocupações com o peso e com a dieta são normativas para a maioria das mulheres, pelo menos na sociedade ocidental, e que os transtornos alimentares podem ser melhor entendidos como uma provável consequência desse comportamento ‘normal’ quando levado aos extremos” (RODIN; SILBERSTEIN, STRIEGEL-MOORE, 1984, p. 269, tradução nossa), sendo, inclusi-

ve, irrelevante para o diagnóstico de bulimia a variável “medo de engordar”.

O descontentamento normativo seria então um nível de insatisfação corporal basal presente em todas as mulheres nas sociedades ocidental que, segundo diversas fontes, são reduzidas a seus corpos e valorizadas pela sua magreza, criando circunstâncias quase determinantes para medo de engordar, busca por um corpo mais magro, rejeição às tendências naturais e de seu corpo atual. Essa construção da insatisfação corporal como algo presente na maioria das mulheres nos faz ponderar: os meios atuais de avaliação da Imagem Corporal estão distinguindo as pessoas que possuem insatisfações corporais das pessoas com o descontentamento normativo?

3 Métodos de pesquisa de IC

Para uma visão mais ampla das metodologias de pesquisas empregadas na produção científica sobre IC, recorreremos a revisões bibliográficas do tema, culminando em 10 revisões que analisaram publicações referentes a 8 populações distintas. As 8 populações pesquisadas pelas respectivas revisões foram: adolescentes (DA SILVA; BORGES, 2020), adultos com excesso de peso (CAMIRAN *et al.*, 2021), adolescentes atletas de esportes estéticos (NEVES *et al.*, 2015), gestantes (MEIRELES *et al.*, 2015), pessoas obesas em contexto de cirurgia de redução de peso (CASTRO; PINHATTI; RODRIGUES, 2017), idosos brasileiros (SILVA; CAMINHA, 2012), usuários de redes sociais (SILVA; JAPUR; PENAFORTE, 2020) e estudantes universitários (SOUZA; ALVARENGA, 2016).

Na amostra de artigos de Neves *et al.* (2015), todos os estudos brasileiros que investigaram a insatisfação em atletas de esportes estéticos utilizaram-se da mesma metodologia, quantitativa e transversal, e do mesmo questionário para aferir a insatisfação corporal, o *Body Shape Questionnaire* (BSQ). A revisão de literatura

correlacionando IC, idade, sexo e diagnóstico nutricional conduzida por Camiran *et al.* (2021) também apresenta prevalência do uso do BSQ.

O *Body Shape Questionnaire* (BSQ) foi desenvolvido em uma época em que havia “[...] a necessidade de uma mensuração específica das preocupações referentes ao formato corporal” (COOPER *et al.*, 1987, p. 486, tradução nossa). O teste é autoaplicável, quantitativo e composto por 34 perguntas em escala Likert de 6 pontos (CAETANO, 2011; COOPER *et al.*, 1987). Para a elaboração dos itens componentes da primeira versão do teste, os autores realizaram entrevistas semiestruturadas com diversos grupos de mulheres, incluindo mulheres com anorexia e bulimia nervosa. Como pergunta disparadora, pediram para as entrevistadas descreverem as experiências das últimas 4 semanas que as fizeram sentir-se gordas e quais foram suas reações emocionais e comportamentais aos acontecimentos (COOPER *et al.*, 1987). Em 2011, Aletha Silva Caetano realizou uma tradução e adaptação cultural do questionário, focando em uma população de mulheres brasileiras de meia idade. Ambos os trabalhos, Caetano (2011) e Cooper *et al.* (1987), relataram consistência interna e validade na população pesquisada. Uma entre as falhas do questionário apontadas por autores é sua falta de proximidade da população masculina, uma vez que, na maioria das vezes, a insatisfação estética masculina se volta à falta de muscularidade (NEVES *et al.*, 2015). Além disso, suas questões se mostram restritas a viver a gordura de uma maneira negativa, algo que tem sido questionado na atualidade; o movimento *Body Positive* é um bom exemplo disso.

As pesquisas de Neves *et al.* (2015) sobre a satisfação corporal de adolescentes atletas convergiram com estudos internacionais, mantendo-se como mais frequente o método quantitativo transversal, em 50% dos estudos. Embora tenha sido o único modo de avaliação no Brasil, apenas um estudo internacional utilizou-se do BSQ, sendo mais frequente a Escala de Silhuetas de Stunkard.

A Escala de Silhuetas de Stunkard foi desenvolvida por Stunkard, Sorensen e Schulsinger, em 1983 (STUNKARD, 2000).

Ela é composta por 9 figuras, femininas e masculinas, com desenhos representando uma pessoa magra até uma pessoa obesa. Buscando verificar a insatisfação corporal, pede-se ao participante que primeiro marque o corpo que ele nota como sendo o seu atualmente, depois, é pedido para sinalizar qual dos corpos que compõem a escala o participante considera o ideal. Afirma-se haver insatisfação quando o participante sinaliza um corpo que não o seu próprio como o ideal. Diferente do BSQ, que só investiga se o sobrepeso causa preocupação e infelicidade, na Escala de Silhuetas de Stunkard (2000) é possível averiguar se a pessoa possui uma preferência por uma imagem maior ou menor que a sua atual. Ainda assim, embora inclua como possibilidade a insatisfação por magreza, torna-se necessário questionar se a Escala de Silhuetas de Stunkard é capaz de realmente distinguir uma insatisfação corporal basal (descontentamento normativo) das formas patológicas.

A revisão de literatura sobre IC em gestantes composta por Meireles *et al.* (2015) mostra que 92,5% dos artigos de diversos países se apoiavam em investigação quantitativa transversal. Souza e Alvarenga (2016) encontraram que 37,5% das pesquisas na população universitária brasileira utilizaram apenas das escalas de silhueta de Stunkard (15 das 40 analisadas), outras 35% do BSQ, corroborando a hipótese de Neves *et al.* (2015) e Camiran *et al.* (2021) de que o BSQ é o teste mais utilizado pelos pesquisadores brasileiros nesse campo. Embora o estudo dos demais países tenha apresentado uma maior variedade de métodos para constatar a insatisfação corporal, ainda houve uma parcela considerável utilizando do BSQ (15,8%) e das escalas de silhueta (26,3%).

Na revisão voltada a pesquisar a produção científica sobre idosos brasileiros, Silva e Caminha (2012) obtiveram uma amostra final de seis artigos após os critérios de exclusão, e destes, apenas três pesquisas utilizaram a Escala de Silhuetas de Stunkard e duas utilizaram-se de entrevistas. O estudo de Menezes, Lopes e Azevedo (2009), presente na revisão bibliográfica supracitada, se propôs a analisar as entrevistas através da fenomenologia, mais especifica-

mente, as construções teóricas do filósofo Merleau-Ponty sobre o corpo. Pesquisar com o “[...] idoso de idade avançada como ele vê seu corpo que envelhece” (MENEZES; LOPES; AZEVEDO, 2009, p. 600) ao invés de apenas se há insatisfação, e abrir o escopo de análise também aos pontos funcionais do corpo contribui para a desmistificação do corpo no envelhecimento, segundo as autoras. Ao explorar a vivência corporal, também articulando com o filósofo supracitado, Teixeira *et al.* (2012) encontraram em 44,4% das pesquisas uma vivência corporal considerada positiva.

Ambos os modos de acesso da IC visam investigar se há insatisfações, principalmente pelo excesso de peso, e, implicitamente, indicam a magreza como perto do ideal, algo que passa a ser insuficiente no cenário atual. Sant’Anna (2014), ao analisar a história da beleza no Brasil, pondera que depois da década de 2000 houve uma maior pressão social por uma mulher não só magra, mas musculosa. “O termo ‘sarada’ é também utilizado para indicar uma mulher popularmente chamada de bombada ou marombada, sugerindo um corpo que se curou de qualquer fraqueza ou moleza” (SANT’ANNA, 2014, p. 179). Nas pesquisas de Conti *et al.* (2009), 21,4% das jovens entrevistadas demonstraram o desejo de aumentar alguma das partes corporais. Ao pesquisar a insatisfação corporal em idosas, Coradini *et al.* (2012) concluíram que 8,33% estavam insatisfeitas por se perceberem mais magras que o corpo ideal.

Neves *et al.* (2015) levantam uma crítica ao uso de BSQ e Escala de Silhuetas de Stunkard pela possibilidade de se agruparem numa mesma categoria – por exemplo, “indivíduos insatisfeitos” – três níveis de insatisfação (leve, moderada e grave). A insatisfação corporal não era tópico principal em nenhum dos estudos, sendo mais frequentemente relacionada a outras variáveis, como o processo maturacional, transtornos alimentares, percentual de gordura, perfeccionismo, índice de massa corporal e/ou diagnóstico nutricional.

Dos estudos de revisão aqui expostos, compreende-se que, de uma maneira geral, os estudos sobre IC são realizados por mé-

todos quantitativos transversais, utilizando apenas um método de avaliação, majoritariamente o BSQ ou a Escala de Silhuetas de Stunkard, mesmo que diversas vezes a IC seja descrita como um constructo constituído por diversos fatores e dimensões (CONTI *et al.*, 2009; CORADINI *et al.*, 2012; MARTINS *et al.*, 2012; MARQUES *et al.*, 2015; SILVA; JAPUR; PENAFORTE, 2020; SILVA, N.; SILVA, J., 2019; SOUZA; ALVARENGA, 2016; TRICHES; GIUGLIANI, 2007; TYLKA, 2011; ZILCH, 2015). Ou seja, os estudos sobre Imagem Corporal isolam um fator, o que limita o acesso à experiência humana a um único modo de visualização determinado previamente (a escala).

A análise fatorial é, de maneira sintética, um método de análise de dados estatísticos diversos (HONGYU, 2018) e é frequentemente utilizada em testes psicológicos que visam buscar características gerais do ser humano. Tal método costuma visar dois principais objetivos: 1) descrever interrelações de variáveis, reduzindo-as a menos fatores e 2) testar hipóteses sobre constructos latentes, inobserváveis diretamente (DAMÁSIO, 2012). Trninić, Jelaska e Štalec (2012), ao analisarem as limitações e as adequações das análises fatoriais à psicologia, argumentam que um dos pontos falhos do uso da análise fatorial é sua impossibilidade de individualização, uma vez que as análises fatoriais “[...] de diferenças entre pessoas não revelam o estilo de comportamento intrapessoais” (TRNINIĆ; JELASKA; ŠTALEC, 2012, p. 80, tradução nossa). Além disso, os autores consideram incoerente isolar alguma característica humana, tornando-a alheia a outras, dada a integralidade do ser humano. Também consideram a impossibilidade de tratar os dados de maneira unicamente objetiva, uma vez que a simples nomeação de algo com palavras comuns da língua em questão já lhe atribui significados e enviesamentos. Outro ponto importante é que os resultados das pesquisas tendem a apresentar uma maioria da população como insatisfeita corporalmente, mas, quando pesquisada a satisfação corporal, há na maioria da população satisfação corporal. Isso indica que o campo de pesquisa é tomado e continuado sem tecer considerações críticas quanto ao método de acesso nem os pressupostos do conceito de IC, criando, assim,

um campo de pesquisa enviesado pelo método utilizado de acesso ao fenômeno. Isto é, o método de acesso a um fenômeno determina de antemão como ele pode aparecer e, portanto, ser. Na prática, isso significa que as definições das quais parte o pesquisador, os instrumentos de coleta de dados e o modo de analisá-los já apresentam concepções sobre o tema a ser investigado e podem produzir distorções, equívocos e lacunas (BRITO; SOARES, 2015).

As pesquisas aqui expostas nos levam a conceber o campo da IC como envolvido em um círculo vicioso, que se mostra quando algo que deveria ser demonstrado é pressuposto e reafirmado sem a devida investida em suas bases epistemológicas (MANTZAVINOS, 2014). Outro indício da sua presença é a “[...] argumentação circular em uma dedução, isto é, ele surge porque no processo de provar algo pressupomos afirmações que deveríamos provar” (MANTZAVINOS, 2014, p. 58-59). Ter de alicerce apenas a lógica dedutiva para questões humanas pode ser prejudicial. Para Silva (2012), por vezes, o processo de investigação vai a campo constatar elaborações teóricas já pressupostas como verdadeiras, como a ideia de que mulheres são insatisfeitas com seu corpo.

Quem quiser compreender um texto realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete prelineia um sentido do todo. Naturalmente que o sentido somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas expectativas e na perspectiva de um sentido determinado. (GADAMER, 1999, p. 402).

O mesmo pode ser afirmado sobre a população pesquisada: o sentido é antecipado, sendo encontrado nos resultados da pesquisa. Ao menos que se reformule o sentido prévio, num movimento hermenêutico vivo, move-se num círculo vicioso. No campo aqui considerado, implicado está que se a hipótese é de que a população está insatisfeita com seu corpo, constatar-se-á que sim, não por ser uma característica inerente à mesma, mas por

ter sido a questão antecipada. Isto torna-se ainda mais evidente quando Avalos, Tyłka e Wood-Barcalow (2005) produziram o *Body Appreciation Scale*, que objetiva mensurar a satisfação corporal. Em seus resultados, as autoras averiguaram que [...] mulheres geralmente endossaram atitudes, cognições e comportamentos corporalmente positivos” (AVALOS; TYLKA; WOOD-BARCALOW, 2005, p. 294), resultados percebidos como incomuns, mas frequentes em pesquisas que se utilizaram do teste, como Viana e dos Santos (2015) e Viana e Andrade (2013). Desta forma, se for pesquisado se sua população está satisfeita corporalmente, ela também estará.

4 Considerações finais

Embora tenhamos nos aproximado do modo de construção de conhecimento na área, torna-se necessário realizarmos uma série de questionamentos sobre os fundamentos e a acuidade das informações obtidas pela aplicação dos testes. Os testes mais utilizados na literatura brasileira, desenvolvidos no contexto americano da década de 1980, conseguiram acompanhar as mudanças de padrões de beleza, algo social e historicamente construído? Os corpos magros da Escala de Silhueta de Stunkard representam os corpos sarados tidos como ideais atualmente? O desejo de uma silhueta menor é o bastante para afirmar insatisfação corporal? A pessoa estar se sentindo gorda, um dos principais pontos do BSQ, quer dizer que ela está insatisfeita com o corpo? Sentir-se gorda e bem com o corpo gordo é impossível? Uma pessoa que deseja uma silhueta maior e obtém um resultado negativo de insatisfação corporal no BSQ não aponta para uma insuficiência do teste? Uma pessoa em conflito com seu corpo por não conseguir realizar ações diversas, mas que não deseja uma silhueta diferente, está satisfeita corporalmente? Se o construto é multifatorial, apenas um teste é o suficiente para afirmar insatisfação?

A bibliografia aqui exposta desvela que, na produção referente à IC, há um maior enfoque na IC patológica (insatisfação cor-

poral). Esse ponto de partida teórico é algo limitante e deturpa a experiência corporal do ser humano, uma vez que esta não é necessariamente negativa, nem puramente estética. Torna-se de extrema importância a não extrapolação dos resultados, dada as especificidades de cada teste, pois afirmar que se verificou a IC através de apenas um teste é inevitavelmente reducionista perante a multidimensionalidade do constructo. Os impactos culturais são amplamente discutidos na parte de construção da teoria, porém, mostra-se necessário um questionamento perante os métodos de investigação utilizados, uma vez que estes podem estar desconexos com os atuais padrões de beleza.

Ademais, seguindo a premissa da Fenomenologia Hermenêutica de que se perde a experiência humana quando se a transforma em objeto mensurável, esses métodos quantitativos de avaliação do ser corpóreo dificilmente alcançam o corpo vivido (*Leib*) e seus modos de corporar (*leiben*), isto é, de ser no mundo histórico corporalmente com outros seres humanos.

Para pesquisas futuras percebe-se como necessária a suspensão dos atuais modos de pesquisa e conceitualizações, realizando, assim, uma empreitada fenomenológica na construção do conhecimento, partindo do fenômeno não antes concebido para criar uma teoria próxima da vivência humana.

Referências

ABBOTT, B. D.; BARBER, B. L. Differences in functional and aesthetic body image between sedentary girls and girls involved in sports and physical activity: Does sport type make a difference? **Psychology of Sport and Exercise**, Bruxelas, v. 12, n. 3, p. 333-342, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2010.10.005>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029210001408>. Acesso em: 11 out. 2021.

AHO, K. **Heidegger's Neglect of the Body**. Nova York: Suny Press, 2010.

ALVES, E. *et al.* Prevalência de sintomas de anorexia nervosa e insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino do Município de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 503-512, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/zM5hwSbWSTyVbgggtT4NfPP/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

ARAÚJO, L. S. *et al.* Discriminação baseada no peso: Representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicol. estud.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 1-17, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.34502>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34502>. Acesso em: 11 out. 2021.

AVALOS, L.; TYLKA, T. L.; WOOD-BARCALOW, N. The body appreciation scale: Development and psychometric evaluation. **Body image**, Amsterdã, v. 2, n. 3, p. 285-297, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2005.06.002>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1740144505000549>. Acesso em: 14 out. 2021.

AZEVEDO, D. de S.; CAMINHA, I. de O. Ser no mundo, mundo vivido e corpo próprio segundo Merleau-Ponty. **Dialektiké**, Natal, v. 1, n. 2, p. 15-37, 2015. ISSN 2359-1323. DOI: <https://doi.org/10.15628/dialektike.2015.3009>. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/3009>. Acesso em: 28 set. 2021.

BRITO, L. M. T. de; SOARES, L. C. E. C. Números que pouco explicam: indicadores sobre famílias recasadas e bullying. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 269-278, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140049>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/CrWSnmHF9hy6R537xxKWk3D/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

CAETANO, A. S. **Tradução, adaptação cultural e estrutura fatorial do Body Shape Questionnaire, Body Esteem Scale e**

Body Appreciation Scale para mulheres brasileiras de meia-idade. 2011. Tese (Doutorado em Atividade Física, Adaptação e Saúde) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/275031>. Acesso em: 14 out. 2021.

CAMIRAN, C. *et al.* **Prevalência de insatisfação da imagem corporal em adultos com excesso de peso:** Uma revisão sistemática. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Nutrição) – Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande, 2020.

CASH, T. F. Cognitive-Behavioral Perspectives on Body Image. *In:* CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image:** a handbook of science, practice and prevention. 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 39-47.

CASH, T. F.; SMOLAK, L. Understanding Body Images: Historical and Contemporary Perspectives. *In:* CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image:** a handbook of science, practice and prevention. 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 3-11.

CASTRO, T. G. de; PINHATTI, M. M.; RODRIGUES, R. M. Avaliação de imagem corporal em obesos no contexto cirúrgico de redução de peso: revisão sistemática. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 53-65, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-04Pt>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000100004. Acesso em: 11 out. 2021.

CLAUMANN, G. S. *et al.* Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **J. bras. psiquiatr**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 3-9, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000177>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/zhkVKfxRmGF-JDggbRmQyq5p/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

COOPER, P. J. *et al.* The development and validation of the Body Shape Questionnaire. **International Journal of eating disorders**,

Austin, v. 6, n. 4, p. 485-494, 1987. DOI: [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(198707\)6:4<485::AID-EAT2260060405>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/1098-108X(198707)6:4<485::AID-EAT2260060405>3.0.CO;2-O). Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/1098-108X\(198707\)6:4%3C485::AID-EAT2260060405%3E3.0.CO;2-O](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/1098-108X(198707)6:4%3C485::AID-EAT2260060405%3E3.0.CO;2-O). Acesso em: 11 out. 2021.

COOK, D. J.; MULROW, C. D.; HAYNES, R. B. Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. **Annals of Internal Medicine**, Filadélfia, v. 126, n. 5, p. 376-380, 1997. DOI: <https://doi.org/10.7326/0003-4819-126-5-199703010-00006>. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/0003-4819-126-5-199703010-00006>. Acesso em: 9 jan. 2022.

CONTI, M. A. *et al.* A insatisfação corporal de jovens: um estudo exploratório. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 509-528, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000200015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/sdhhQ7ChY3sG7NDz9prPNMG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

CORADINI, J. G. *et al.* Satisfação da imagem corporal e visão de idosas ativas sob a influência do exercício físico na sua autoimagem. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-80, 2012. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15i3p67-80>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/8741>. Acessado em: 14 out. 2021.

DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Avaliação Psicológica**, Campinas-SP, v. 11, n. 2, p. 213-228, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712012000200007. Acessado em: 11 jan. 2022.

DA NÓBREGA, T. P. Corpo e natureza em Merleau-Ponty. **Movimento (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1175-1196, 2014. ISSN 1982-8918. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42753>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/42753/31605>. Acesso em: 28 set. 2021.

DA SILVA, M. dos M. F.; BORGES, M. I. A. Insatisfação da Imagem Corporal em adolescentes: Revisão sistemática. *In*: SILVA, F. F. (org.). **Nutrição e Promoção da Saúde**. v. 2. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. p. 91-100.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. 3. ed. Tradução: Noemi Moritz, Marise Levy. São Paulo: Perspectiva, 2015. 320 p.

FREITAS, J. de L.; ARENHART, P.; ABUHAMAD, M. Deixou o corpo em casa, foi para terapia: o corpo segundo psicólogos. **Rev. abordagem gestalt**. Goiânia, v. 24, n. 2, p. 157-166, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.4>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2021.

GADAMER, H. **Verdade e Método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. 1ª ed. Tradução: Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

HONGYU, K. Análise Fatorial Exploratória: resumo teórico, aplicação e interpretação. **ES Engineering and Science**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 88-103, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18607/ES201877599>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/eng/article/view/7599>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LEMES, D. C. M. Satisfação com a imagem corporal e bem-estar subjetivo entre adolescentes escolares do ensino fundamental da rede pública estadual de Canoas/RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 12, p. 4289-4298, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182312.14742016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/w7txZF4cWsCtDvVH-6phkrYb/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

MANTZAVINOS, C. O círculo hermenêutico: que problema é este? **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 57-69, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200004>. Disponível em: <https://>

www.scielo.br/j/ts/a/pVCfXvTRdxNMx9VZ35rQsfb/abstract/?lang=pt. Acesso em: 14 out. 2021.

MARQUES, R. S. *et al.* Insatisfação com a imagem corporal entre pessoas de meia-idade e idosas praticantes de atividade física. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 27-40 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.30953>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/30953>. Acesso em: 11 out. 2021.

MARTINS, C. R. *et al.* Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 17, n. 2, p. 241-246, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/scnr8WNxHxpNdbY7JY7NqHd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

MATTAR, C. M. *et al.* Da tradição em Psicossomática às Considerações da Daseinsanálise. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. Brasília, v. 36, n. 2, p. 317-328, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001032014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/w6qTZkrqKyrvn8fnSvQVTq/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

MCKINLEY, N. M. Feminist Perspectives on Body Image. *In*: CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention**. 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 48-55.

MEIRELES, J. F. F. *et al.* Insatisfação corporal em gestantes: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 7, p. 2091-2103, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015207.05502014>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2015.v20n7/2091-2103/pt/#>. Acesso em: 10 out. 2021.

MENEZES, T. M. de O.; LOPES, R. L. M.; AZEVEDO, R. F. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 598-604, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v11.47123>. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47123>. Acesso em: 14 out. 2021.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEVES, C. M. *et al.* Insatisfação corporal e comportamento alimentar em atletas de esportes estéticos: Uma revisão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 922-936, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v18i4.37389>. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/37389>. Acesso em: 11 out. 2021.

OLESIAK, L. da R. *et al.* Resignificações de Sujeitos com Paraplegia Adquirida: Narrativas da Reconstrução da Imagem Corporal. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, Brasília, v. 38, n. 4, p. 730-743, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002022017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8ZNTmTRZcS8nrwJhrtwTcw/?lang=pt#>. Acesso em: 11 out. 2021.

RENTZ-FERNANDES, A. R. *et al.* Autoestima, imagem corporal e depressão de adolescentes em diferentes estados nutricionais. **Rev. salud pública**, Bogotá, v. 19, n. 1, p. 66-72, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15446/rsap.v19n1.47697>. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsap/2017.v19n1/66-72/#>. Acesso em: 10 out. 2021.

RODIN, J.; SILBERSTEIN, L.; STRIEGEL-MOORE, R. Women and weight: a normative discontent. *In: Nebraska symposium on motivation*. Lincoln: University of Nebraska Press, v. 32, 1984. p. 267-307.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paul Enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=pt#>. Acesso em: 21 dez. 2021.

SARTRE, J-P. **O ser e o nada**. 20ª ed. Tradução: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANT'ANNA, D. B de. **História da beleza do Brasil**. São Paulo, Editora Contexto, 2014. 208 p.

SCORSOLINI-COMIN, F.; AMORIM, K. de S. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2021.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. Tradução: Rosanne Wertman. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 405 p.

SECCHI, K.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 66-72, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15446/rsap.v19n1.47697>. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rsap/2017.v19n1/66-72/#>. Acesso em: 10 out. 2021.

SILVA, R. S. da. O círculo hermenêutico e a distinção entre ciências humanas e ciências naturais. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 54-72, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2012.4266>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/4266>. Acesso em: 14 out. 2021.

SILVA, G. M. L. da; CAMINHA, I. de O. Avaliação da imagem corporal de idosos brasileiros: uma revisão sistemática. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 233-249, 2012. DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2316-2171.24287>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24287/25398>. Acesso em: 11 out. 2021.

SILVA, B. L.; CANTISANI, J. R. Interfaces entre a gordofobia e a formação acadêmica em nutrição: um debate necessário. **DEMETERA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 363-380, 2018. DOI: <https://doi.org/10.12957/demetera.2018.33311>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj>.

br/index.php/demetra/article/view/33311. Acesso em: 11 out. 2021.

SILVA, A. F. de S.; JAPUR, C. C.; PENAFORTE, F. R. de O. Repercussões das Redes Sociais na Imagem Corporal de Seus Usuários: Revisão Integrativa. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36510>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/YhYLPmGdBKmTdsZhk5kbYVJ/?lang=pt#>. Acesso em: 11 out. 2021.

SILVA, N. G. da.; SILVA, J. da. Aspectos psicossociais relacionados à imagem corporal de pessoas com excesso de peso. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 1-16, abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e8030>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692019000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2021.

SLADE, P. D. What is body image? **Behav. Res. Ther.**, Los Angeles, v. 32, n. 5, p. 497-502, 1994. DOI: [https://doi.org/10.1016/0005-7967\(94\)90136-8](https://doi.org/10.1016/0005-7967(94)90136-8). Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0005796794901368>. Acesso em: 11 out. 2021.

SOUZA, A. C. de; ALVARENGA, M. dos S. Insatisfação com a imagem corporal em estudantes universitários – Uma revisão integrativa. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 286-299, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000134>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/9rqZF8vfvjLrqTJN-XwyPzQN/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

STUNKARD, A. Old and new scales for the assessment of body image. **Perceptual and motor skills**, Newbury Park, CA, v. 90, n. 3, p. 930-930, 2000. DOI: <https://doi.org/10.2466/pms.2000.90.3.930>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2466/pms.2000.90.3.930>. Acesso em: 14 out. 2021.

SUISMAN, J. L.; KLUMP, Kelly L. Genetic and Neuroscientific Perspectives on Body Image. *In*: CASH, Thomas. F.; SMOLAK,

Linda. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention.** 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 29-38.

SWAMI, V. Evolutionary Perspectives on Human Appearance and Body Image. *In:* CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention.** 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 20-28.

TEIXEIRA, J. S. *et al.* Envelhecimento e percepção corporal de idosos institucionalizados. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 63-68, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/mQB7kkPZgbCtL8MSC6mRMLF/?lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

TIGGEMANN, M. Sociocultural perspectives on human appearance and body Image. *In:* CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention.** 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 12-19.

TRICHES, R. M.; GIUGLIANI, E. R. Insatisfação corporal em escolares de dois municípios da região Sul do Brasil. **Rev Nutr.**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 119-128, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1415-52732007000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/gXq3kVsVRg5htph9G7yDT7p/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2021.

TRNINIĆ, V.; JELASKA, I.; ŠTALEC, J. Appropriateness and Limitations of Factor Analysis Methods Utilised in Psychology and Kinesiology - Part I. **Phy. Cult. (Bgd)**, Belgrado, v. 66, n. 2, p. 77-87, 2012. Disponível em: <https://journals.indexcopernicus.com/search/article?articleId=241628>. Acesso em: 10 jan. 2022.

TYLKA, T. L. Positive Psychology Perspectives on Body Image. *In:* CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention.** 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p.56-66.

VERAS, A. L. L. Desenvolvimento e construção da imagem corporal na atualidade: um olhar cognitivo - comportamental. **Rev. bras.ter. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 94-117, 2010. DOI:

<https://www.dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20100017>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872010000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 out. 2021.

VIANA, H. B.; ANDRADE, J. S. S. de. Fotografia e imagem corporal na maturidade. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 103-123, 2013. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i4p103-123>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/19632>. Acesso em: 14 out. 2021.

VIANA, H. B.; DOS SANTOS, M. R. Análise de percepção da imagem corporal e satisfação com a vida em idosos praticantes de hidroginástica. **Revista Kairós: Gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 299-309, 2015. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i2p299-309>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/27008>. Acesso em: 14 out. 2021.

WERTHEIM, E. H.; PAXTON, S. J. Body Image Development in Adolescent Girls. In: CASH, T. F.; SMOLAK, L. (ed.). **Body Image: a handbook of science, practice and prevention**. 2nd ed. Nova York: The Guilford Press, 2011. p. 76-84.

ZILCH, G. R. **Percepção e insatisfação com o peso corporal em adolescentes: Uma revisão sistemática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/157292>. Acesso em: 14 out. 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.